

A MARCHA NA MAÇONARIA

Uma análise geral de sua aplicação

Trabalho no Grau de Aprendiz Maçom - Versão 1.01

AUTOR: José Roberto Schmaltz – M.:I.:., CIM: 2129
schmaltzodb@gmail.com

GRANDE ORIENTE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Ben.: Cinq.: Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Conquista e Integração nº 8.
Rito Escocês Antigo e Aceito
Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Acadêmica François Marie Arouet nº 101
Loja de estudos - Rito Escocês Antigo e Aceito

1. PRÓLOGO

A Maçonaria, reconhecida como a sublime Arte Real, constitui-se como uma escola iniciática que transcende os limites da razão ordinária. Seu propósito essencial é a lapidação contínua do caráter de seus adeptos, conduzindo-os à senda do aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual. É sob essa égide que se estrutura a caminhada do Maçom, da Pedra Bruta à Pedra Polida, da ignorância à Luz.

Neste contexto, o presente trabalho tem por finalidade propor uma reflexão sobre a simbologia, o significado e a relevância da ***Marcha Maçônica***, considerando sua origem, evolução histórica e função litúrgica, com ênfase no R.:E.:A.:A.:. A Marcha, enquanto expressão ritualística, não se limita ao deslocamento físico, mas simboliza a jornada do espírito em direção ao Oriente – em busca do Conhecimento, da Verdade e da Sabedoria.

Inspirado nos Landmarks da Ordem, este estudo tem por objetivo não apenas promover um alinhamento histórico e conceitual sobre a Marcha, mas também oferecer esclarecimentos quanto às interpretações que sugerem a aplicação de seus movimentos - em especial o rompimento com o pé esquerdo - fora de uma Loja devidamente aberta.

Assim, convidamos o Ir.: leitor, na compreensão simbólica da Marcha, a percorrer conosco este caminho de investigação e introspecção, com o firme propósito de que, ao final, cada passo seja mais consciente, cada gesto mais significativo, e cada avanço, um verdadeiro rito de elevação individual.

2. INTRODUÇÃO

Antes de adentrarmos o tema específico que nos propomos a desenvolver neste trabalho, é fundamental estabelecermos um nivelamento conceitual a respeito da natureza de alguns dos fundamentos da Ordem Maçônica. Essa etapa introdutória tem como propósito criar uma base comum de entendimento entre todos os Ilr.º, independentemente do tempo de Iniciação, do grau simbólico ou da experiência ritualística que possuam.

A Maçonaria, enquanto Ordem Iniciática, Filosófica e Discreta, é regida por princípios que transcendem o aspecto meramente institucional, exigindo de seus membros não apenas o domínio de símbolos e rituais, mas sobretudo o comprometimento com um ideal de aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual. Além de compreender corretamente sua missão, seus objetivos e sua estrutura simbólica é essencial um alinhamento conceitual para que a reflexão que se seguirá ocorra de forma clara, proveitosa e, acima de tudo, harmoniosa com os Landmarks e as tradições que a sustentam.

Com esse alinhamento prévio poderemos prosseguir com segurança e profundidade na abordagem do tema proposto, extraindo dele os ensinamentos necessários ao progresso individual e coletivo dentro da Arte Real.

Quais sejam:

Rito: O termo rito (do latim *ritu*) tem vários sentidos. Rito é um pouco diferente de ritual, dando continuidade ao mito. No sentido mais geral, é uma sucessão de palavras e atos que, repetida, compõe uma cerimônia (religiosa ou civil). Apesar de seguir um padrão, o rito não é mecanizado, pois pode atualizar um mito, mantendo ensinamentos ancestrais e sagrados.

É um conjunto de atividades organizadas, no qual as pessoas se expressam por meio de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. O caráter comunicativo do rito é de extrema importância, pois não é qualquer atividade padronizada que constitui um rito.¹

Os **Ritos** possuem um aspecto exterior, manifestado pela **Liturgia Cerimonial**, e um aspecto interior, exprimido pela **Liturgia Ritual**.

Em termos maçônicos, o Rito é um método de conferir a luz maçônica, e vale-se para esse intento de uma coleção de graus, onde cada um deles contém uma etapa de conhecimento e progresso nos estudos. O Rito determina o conjunto de diretrizes gerais pelas quais se praticam as sessões, e por intermédio do qual se expressam os elementos da Ordem.²

Ritual: Um ritual (em latim: *ritualis*) é um conjunto de **gestos, palavras e formalidades**, geralmente imbuídos de um valor **simbólico**, cuja performance é, usualmente, prescrita e codificada por uma religião ou pelas tradições da comunidade.³

Como substantivo, Ritual é o livro que serve como “**manual de procedimentos**”. Chamamos de Ritual o livro que usamos nas sessões, pois ele contém as fórmulas e instruções necessárias à prática uniforme e regular dos trabalhos, como por exemplo a fórmula ritualística de abertura e fechamento de uma sessão.

Enquanto o Rito é um gênero, o Ritual é uma espécie. Por outros termos, o **rito** é “continente” – **que contém** – e o **ritual** é “conteúdo” – **está contido** naquele. Cada Rito maçônico pode conter vários rituais, como o Ritual de Sagração de Templo, os Rituais de Iniciação, Elevação e Exaltação, o Ritual de Cerimônia Fúnebre, o Ritual de Loja de Mesa, os Rituais de abertura das sessões, encerramentos, entre outros.⁴

¹ RITO. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rito> Acesso em: 05/05/2025

² RITO. Fonte: <https://www.freemason.pt/liturgia-rito-e-ritual/> Acesso em 05/05/2025

³ RITUAL. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ritual> Acesso em 05/05/2025

⁴ RITUAL. Fonte: <https://www.freemason.pt/liturgia-rito-e-ritual/> Acesso em 05/05/2025

Ritualística: Referente a rituais. Ações realizadas sempre da mesma forma, com normas e regras.⁵

Liturgia: A palavra liturgia (do grego *λειτουργία*, "serviço público" ou "serviço do culto") compreende uma **celebração religiosa pré-definida**, de acordo com as tradições de uma religião em particular; pode incluir ou referir-se a um ritual formal e elaborado (como a Missa Católica) ou uma atividade diária como as *salats* muçulmanas.

A liturgia é considerada por várias denominações cristãs, nomeadamente o Catolicismo Romano, a Igreja Ortodoxa, a Igreja Presbiteriana, a Igreja Batista, a Igreja Metodista e alguns ramos (Igrejas Altas) do Anglicanismo e do Luteranismo, como um ofício ou serviço indispensável e obrigatório. Isto porque estas Igrejas cristãs prestam essencialmente o seu culto de adoração a Deus (a *teolatria*) através da liturgia. Para elas, a liturgia tornou-se, em suma, no seu culto oficial e público.⁶

Liturgia cerimonial e liturgia ritual: A Liturgia possui como tipos a Liturgia Cerimonial (da cerimônia) e a Liturgia Ritual (do rito). Enquanto a **cerimônia é o nome atribuído às formas exteriores de um ato**, o **Rito relaciona-se com um Mito e com símbolos**.

O objetivo central da Liturgia Cerimonial é transmitir a sensação de ordem e beleza, através das formas exteriores dos atos praticados, ao passo que a Liturgia Ritual visa transmitir os elementos essenciais, a expressão dos mitos e símbolos, a interiorizar nos participantes os conteúdos iniciáticos.⁷

Por exemplo, o caso do Sacramento do Batismo Católico. A Liturgia Cerimonial pode ser identificada pelos atos de entrada do sacerdote, pelos objetos ou pelas vestes usadas. Já a Liturgia Ritual está compreendida na essência do ato em si, que ocorre quando o sacerdote molha com água a cabeça do batizado, consagrando-o na fé cristã.

Trazendo estes conceitos para uma **sessão maçônica**, podemos dizer que a **Liturgia Cerimonial** pode ser observada em **elementos exteriores**, como o sentido da *circulação em loja*, *as músicas tocadas*, *a procissão de entrada*, *os títulos das autoridades maçônicas*, *a posição de se sentar*, *o local onde se coloca os paramentos etc.* Já a **Liturgia Ritual** pode ser identificada em **atos** como a *abertura e o encerramento da loja*, *a disposição das Três Grandes Luzes*, *a verificação pelo Cobridor se o Templo está coberto*, *as provas da Iniciação*, *os sinais, toques e palavras etc.* Todos estes são elementos internos essenciais da Liturgia.⁸

- Neste ponto do nosso estudo, adverte-se para **não confundir Liturgia** com **Rito** e com **Ritual**. Os Ritos fazem uso da Liturgia (Cerimonial e Ritual) para alcançar a finalidade de transmitir o seu conteúdo iniciático e simbólico, e também fazem uso dos rituais, para organizar os seus procedimentos nas sessões e cerimônias.

O cortejo de entrada: O cortejo para entrada no Templo será organizado no Átrio pelo M.: de CCer.: , que ficará postado em frente à porta do Templo. Na inexistência de Átrio, na Sala dos PP.: PP.: , onde os Ilr.: já deverão estar paramentados na hora prevista para o início da Sess.:.

Antes da entrada, o M.: de CCer.: fará ou pedirá que algum Ir.: faça uma breve exortação à Maç.: , ou ainda, algum tema filosófico apropriado. Antes do ingresso do cortejo no Templo, somente o Cobr.: Int.: e M.: de Harm.: estarão no seu interior. Para a entrada

⁵ RITUALÍSTICA. Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/ritualística/> Acesso em 05/05/2025

⁶ LITURGIA. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Liturgia> Acesso em 05/05/2025

⁷ MUNIZ, André. Curso Elementar de Maçonologia, Pag. 35. Editora: Richard Veiga, 2016

⁸ LITURGIA CERIMONIAL E RITUAL. Fonte: <https://www.freemason.pt/liturgia-rito-e-ritual/> Acesso em 05/05/2025

dos Ilr.:., o M.: de CCer.: baterá três vezes com o seu bastão no chão, bateria que é repetida pelo Cobr.: Ext.: na porta do Templo, com o punho da espada. (Se a Loja não tiver Cobr.: Ext.:, o M.: de CCer.: é quem baterá na porta, com a mão direita)

O Cortejo entrará no Templo em fila dupla. O M.: de CCer.: se postará no lado Oc.: do Pav.: Mosaico e coordenará a entrada, anunciando nesta ordem:

Porta Est.:; AApr.: e CComp.:, guardando os respectivos lados das suas CCol.:; a seguir os MM.: sem cargo, MM.: com cargo, visitantes, cada qual no lado de seus lugares; os dois VVig.:, e finalmente os Ex-Veneráveis e autoridades, por deferência, precedendo ao V.: M.:.

O Cobr.: Int.: tomará, após abrir a porta do Templo, sua posição entre CCol.:, com a espada na mão direita, à altura da ponta do externo e a lâmina ligeiramente inclinada encostada no ombro esquerdo, ficando o M.: de CCer.: no Oc.:, para então conduzir o V.: M.: ao Altar, após o que, com o bastão à mão direita, postar-se-á entre CCol.:, de onde anunciará ao V.: M.: o nome distintivo da Loja, o Gr.: em que se realizará a Sess.:, o tipo, e se todos estão devidamente paramentados.⁹

A real abertura dos trabalhos: Executada a devida sequência ritualística da abertura, são então colocadas, com reverência e exatidão, em seus devidos lugares, as Três Grandes Luzes Emblemáticas da Maçonaria: o Livro da Lei Sagrada, o Esquadro e o Compasso, símbolos maiores da Verdade, da Retidão e da Sabedoria. Descobre-se o Painel do Grau, revelando os mistérios próprios ao trabalho que se vai iniciar. Então, o V.: M.:, com autoridade que lhe foi conferida pela Soberania do Ofício e sob a inspiração do Grande Arquiteto do Universo, **declara a Loja aberta** para os trabalhos maçônicos.

“À Glória do Gr. Arq. do Univ., em honra a São João, nosso Padroeiro, sob os AAusp.: do Gr.: Or.: do Estado de Mato Grosso e em virtude dos poderes de que me acho investido, **declaro aberta**, no grau de Apr.: Maç.:, a(nome da Loja), cujos trabalhos tomam plena força e vigor. Que tudo neste Augusto Templo seja tratado aos influxos dos princípios da Moral e da Razão. Desde agora, a nenhum Ir.: é permitido falar ou passar de uma para outra coluna, sem obter permissão, nem ocupar-se de assuntos proibidos pelas nossas Leis. (Pequena pausa)

A mim, meus Ilr.:, pela Saudação (executa-se), pela Bateria (executa-se), pela Aclamação (executa-se).

(OV.:M.: SE COBRE)

Sentemo-nos, meus Ilr.: (pequena pausa)”¹⁰

Marcha: Ação ou efeito de marchar. Movimento com passos cadenciados que um corpo executa para ir de um lugar a outro. Cadência com que um corpo de tropa caminha.¹¹

Para a maçonaria as marchas dos graus, se constituem num processo de avanço ou aproximação de um indivíduo a um local considerado sagrado e que requer respeito. E Mackey indica-nos como sendo este local o Altar dos Juramentos onde são colocados os símbolos da Três Grandes Luzes Emblemáticas: o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso.¹²

⁹ Ritual do Aprendiz Maçom, R.:E.:A.:A.: Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, página 125. Edição 2022

¹⁰ Ritual do Aprendiz Maçom, R.:E.:A.:A.: Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, página 42. Edição 2022

¹¹ MARCHA. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/7mq9z/marcha/> Acesso: 05/05/2025

¹² MARCHA DO GRAU. Fonte: <https://www.freemason.pt/a-marcha-misteriosa-do-macom-e-seus-misterios/> Acesso 05/05/2025

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1. ANÁLISE CIENTÍFICA DO COMPORTAMENTO DO CÉREBRO

Existe alguma relação das partes do corpo com os lados esquerdo e direito do cérebro?

A ideia de lateralização total — em que cada hemisfério seria exclusivamente responsável por determinadas tarefas — foi influente no século XX, principalmente após os estudos de Roger Sperry¹³ com pacientes submetidos à cirurgia de separação dos hemisférios (*comissurotomia*¹⁴).

Trabalhando com seu aluno de pós-graduação Michael Gazzaniga, Sperry convidou pacientes com "**cérebro dividido**" para investigar os **efeitos da cirurgia em suas funções**. Os testes avaliavam linguagem, visão e habilidades motoras. Quando um objeto era apresentado no campo visual direito - informação processada pelo hemisfério esquerdo - o paciente conseguia nomeá-lo. Mas, se a palavra aparecia no campo visual esquerdo, processado pelo hemisfério direito, ele não conseguia relatá-la, sugerindo que somente o lado esquerdo controla a fala. Contudo, em experimento posterior, Sperry descobriu que o hemisfério direito detém certas capacidades linguísticas. Ao mostrar uma palavra ao campo visual esquerdo, os pacientes, sem ver os objetos em uma bandeja sob uma divisória, eram capazes de identificar o objeto correspondente com a mão esquerda, mesmo sem reconhecer verbalmente a palavra.

Em outra série, Sperry apresentou simultaneamente dois objetos, um para cada campo visual, e pediu aos pacientes que desenhassem com a mão esquerda o que viam no campo esquerdo. Surpreendentemente, ao descrever o desenho, os pacientes mencionavam o objeto exibido no campo direito. Esses experimentos demonstraram que, com o rompimento do corpo caloso, os hemisférios perdem a comunicação, de modo que cada um opera de forma isolada, desconhecendo até mesmo a existência do outro. Há relatos em que a mão esquerda desabotoava a camisa enquanto a direita a recolocava, evidenciando essa desconexão. Tais achados trouxeram benefícios valiosos para o entendimento neurológico e para muitas intervenções clínicas.¹⁵

Em suas palavras, cada hemisfério é:

“na verdade, um sistema consciente por si só, percebendo, pensando, lembrando, raciocinando, desejando e emocionando, tudo em um nível caracteristicamente humano, e tanto o hemisfério esquerdo quanto o direito podem estar conscientes simultaneamente em experiências mentais diferentes, até mesmo mutuamente conflitantes, que ocorrem em paralelo.

Roger Wolcott Sperry, 1974

¹³ ROGER WOLCOTT SPERRY. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Roger_Wolcott_Sperry Acesso em 05/05/2025

¹⁴ COMISSUROTOMIA. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Commissurotomy> Acesso em 08/05/2025

¹⁵ SPERRY, R. W. (1968). *Hemisphere deconnection and unity in conscious awareness*. *American Psychologist*.

Historicamente, o hemisfério esquerdo do cérebro foi associado à linguagem, raciocínio lógico, habilidades matemáticas e pensamento analítico, enquanto o hemisfério direito foi vinculado ao reconhecimento espacial, percepção musical, emoções e criatividade. Porém, descobertas mais recentes mostram que essa **separação é excessivamente simplificada** e, muitas vezes, imprecisa.

A ideia de que cada metade do cérebro possui **funções completamente distintas** — como se o lado esquerdo fosse responsável apenas pela lógica e o direito pela criatividade — é, cada vez mais, **colocada em xeque pela neurociência contemporânea**. A clássica visão de que um hemisfério “cobra o escanteio” enquanto o outro “corre para cabecear” se mostra simplista quando confrontada com evidências clínicas, especialmente de pacientes com lesões cerebrais graves que continuam a realizar atividades supostamente perdidas com a remoção de certas áreas.

Considere, por exemplo, o caso de dois jovens acompanhados pela neurocientista Mary Helen Immordino-Yang, da University of Southern California (USC). O adolescente argentino Rico e o americano Brooke (nomes fictícios) literalmente perderam metade de seus cérebros: Rico teve o hemisfério direito cirurgicamente removido para controle de epilepsia, enquanto Brooke retirou o esquerdo como prevenção a uma doença autoimune. Incrivelmente, ambos continuam capazes de andar, falar, raciocinar e se comunicar socialmente — habilidades que, segundo a antiga teoria da lateralização estrita, estariam comprometidas com a perda desses hemisférios.¹⁶

Esses casos são claros exemplos de plasticidade cerebral, um fenômeno em que áreas remanescentes do cérebro assumem funções que antes pertenciam a regiões danificadas ou removidas. Essa adaptação é especialmente comum em crianças e adolescentes, cujo cérebro ainda está em desenvolvimento e apresenta maior flexibilidade funcional.

O neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, da Duke University (EUA), reforça essa visão ao afirmar:

“O que nós estamos vendo é que a atividade dos neurônios é sempre probabilística. Não são sempre os mesmos neurônios que produzem a mesma ação. A atividade cerebral flutua.”

Segundo Nicolelis, se essas observações se confirmarem em mais estudos, será necessário derrubar de vez a ideia de hemisférios absolutamente especializados.¹⁷

O Dr. Michael S. Gazzaniga¹⁸ é um dos mais influentes neurocientistas cognitivos dos Estados Unidos, conhecido como o “pai da neurociência cognitiva”, que trabalhou com o também renomado Roger Sperry (ganhador do Nobel), em estudos com pacientes que passaram por a comissurotomia - cirurgia que corta o corpo caloso, estrutura que conecta os dois hemisférios cerebrais.

Segundo Gazzaniga, embora existam tendências de especialização hemisférica, o cérebro funciona como um sistema integrado. Ele aponta que, mesmo em casos de “desconexão”, os dois hemisférios continuam colaborando por vias alternativas, e muitas funções são distribuídas entre ambos os lados. Ele demonstrou que o cérebro é um sistema altamente interconectado, em que funções são distribuídas dinamicamente, dependendo da tarefa, da idade, do ambiente e da experiência de vida do indivíduo.

Além disso, revisões recentes em neuroimagem (fMRI) apontam que funções como linguagem, embora majoritariamente processadas no hemisfério esquerdo em destros, também

¹⁶ Immordino-Yang, M. H., & Damasio, A. (2007). *We feel, therefore we learn. Mind, Brain, and Education*.

¹⁷ MIGUEL ANGELO LAPORTA NICOLELIS. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Nicolelis Acesso em 05/05/2025

¹⁸ MICHAEL S. GAZZANIGA Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Gazzaniga Acesso em 05/05/2025

ativam áreas do hemisfério direito. Estas pesquisas revelaram que a **maioria das tarefas cognitivas** envolve áreas de **ambos os hemisférios** trabalhando em conjunto, ainda que com diferentes intensidades.

O mesmo vale para a música ou habilidades espaciais: envolvem redes neurais bilaterais, que incluem áreas dos dois hemisférios de acordo com pesquisas dos cientistas Federmeier & Kutas¹⁹ e Toga & Thompson.²⁰

Já a fala e o raciocínio lógico, antes atribuídos quase exclusivamente ao lado esquerdo, assim como o reconhecimento de imagens e a capacidade musical, considerados funções do direito, são hoje reconhecidamente processos mais difusos e interconectados. O cérebro funciona em redes integradas, e a localização funcional é plástica e adaptável, especialmente durante o desenvolvimento infantil.

Apesar disso, estudos de neuroimagem e neurologia clínica ainda identificam tendências funcionais associadas aos hemisférios, embora não sejam regras rígidas:

Distribuição Funcional Geral dos Hemisférios Cerebrais:²¹

Hemisfério Esquerdo	Hemisfério Direito
Linguagem e fala (área de Broca e Wernicke)	Percepção espacial e visual
Lógica e raciocínio matemático	Reconhecimento de rostos e padrões
Análise sequencial	Criatividade e imaginação visual
Escrita e leitura	Entonação da fala (prosódia)
Controle do lado direito do corpo	Controle do lado esquerdo do corpo
Planejamento detalhado	Processamento emocional e intuição

(Baseado em estudos de Gazzaniga²², Sperry e pesquisas mais recentes de neuroimagem funcional)

Portanto, embora **ainda haja evidência de especializações funcionais entre os hemisférios**, a **neurociência moderna caminha para uma compreensão mais integrada e flexível do cérebro humano**. Casos como o de Rico e Brooke, e observações como as de Miguel Nicolelis, nos lembram que a mente humana é muito mais adaptável e surpreendente do que os modelos rígidos anteriores sugeriam.

A plasticidade cerebral — especialmente na infância e adolescência — desafia os antigos paradigmas e abre espaço para novas abordagens na neuroeducação, reabilitação e compreensão da consciência.

¹⁹ Federmeier, K. D., & Kutas, M. (2005). *A Rose by Any Other Name: Long-Term Memory Structure and Sentence Processing*. *Psychological Science*, 16(4), 320–325.

²⁰ Toga, A. W., & Thompson, P. M. (2003). *Mapping brain asymmetry*. *Nature Reviews Neuroscience*, 4(1), 37–48.

²¹ GAZZANIGA, M. S. (2018). *The Consciousness Instinct*. Farrar, Straus and Giroux.

²² MICHAEL S. GAZZANIGA Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Gazzaniga Acesso em 05/05/2025

3.2. A MARCHA MAÇÔNICA

A Marcha maçônica representa a formalidade disciplinar e ritualística inicial de caminhar no Templo maçônico, *após as suas portas se fecharem*, tendo este a direção do ocidente para o oriente, no caso do Apr.: Maç.:, constituído de três passos em busca da luz e sempre à ordem.

A **Marcha maçônica** é executada de **forma específica para cada grau e cada rito**, sendo que cada um dos três graus simbólicos tem sua marcha particular, iniciando pela marcha do Apr.:.

No R.:E.:A.:A.:, como já foi dito, a Marcha do Apr.: tem seu início junto ao fechar da porta no Templo. Ela é composta de três passos iguais e retilíneos, formando um esq.: que representa a faculdade do juízo e nossos esforços para realizar o ideal ao qual nos propusemos, começando sempre com o pé esq.: e apoiado pelo dir.:.

Segundo **Castellani**, o significado maçônico da marcha corresponde à técnica adotada nos três graus simbólicos para o candidato a perfeição caminhar do ocidente ao oriente, isto é, das trevas para a luz.

A marcha do Apr.: Maç.: tem relações com as três colunas do templo: **sabedoria, força e beleza**. Sabedoria porque se destaca a cabeça como se estivesse numa prateleira quando se coloca a mão em esquadro na garganta; Beleza porque a postura e a marcha devem ser feitos com garbo, energia, elegância; Força porque devem ser feitos de forma enérgica, orgulhosa e denotando força moral.

Além disso, o posicionamento da marcha do Apr.: é emblema de três passagens: **nascimento, vida e morte**. Quando bem feito representa discernimento, retidão e decisão. Quando a marcha é torta e frouxa representa: Inépcia, farsa, vacilação.

Os três esquadros formados pela mão, braço e pés significam: podem me degolar que não conto os segredos; o braço e antebraço em esquadria significam força à disposição da Ordem; a esquadria dos pés significa que o caminho do Maçom deve sempre ser pautado pela retidão do ângulo reto. São três os esquadros porque três é a idade do Apr.: Maç.:.²³

Segundo **Aldo Lavagnini**, isto é feito de maneira que estejam realmente encaminhados na direção do ideal e que a cada passo do pé esq.: (**emoção, atividade e ação**), deve corresponder um igual passo do pé dir.: (**passividade, inteligência, pensamento**) em esq.:, ou seja, em acordo perfeito com o primeiro (analogia neurofisiológica aos hemisférios cerebrais do lobo esquerdo e direito).

Já **Raymundo D'élia Junior**, preleciona que o **primeiro passo** do Apr.: Maç.: simboliza **sua luta**, sabedor que é representado pelo cordeiro, animal símbolo do ardor e da coragem, demonstrando a disposição que deve ter o Apr.: para dedicar-se aos conhecimentos de seu Grau. O **segundo passo** simboliza a **Perseverança**, indicando que o maçom deve ser forte e trabalhar com prudência, mas sem temor. E o **terceiro passo** simboliza a **Fraternidade**, sendo considerado como o símbolo da amizade e união, que deve aglutinar todos os maçons.

A execução correta da marcha demonstra integridade, capacidade de discernimento e respeito ao local sagrado e ao ritual. E muito mais que um simples caminhar; é uma representação simbólica da jornada do homem em busca da luz, do equilíbrio entre ação e reflexão, da superação da ignorância e da aproximação do sagrado dentro do templo maçônico.

²³ CASTELLANI, José, Consultório Maçônico XI, ISBN 978-85-7252-286-1, primeira edição, Editora Maçônica a Trolha Ltda., 176 páginas, Londrina, 2011

Antes do surgimento do R.:E.:A.:A.:, já existiam referências à marcha maçônica em manuscritos datados de 1724 a 1729, mas sem detalhamento sobre sua execução. Nesses registros, mencionava-se que se entrava em loja com apenas três passos, sugerindo uma regra única para todos os graus.²⁴

O R.:E.:A.:A.:, embora tenha o nome “escocês”, consolidou-se na França após 1733, derivando do chamado Rito de Heredom e incorporando elementos simbólicos e filosóficos.²⁵

Nos primeiros rituais do rito, especialmente na França do início do século XIX, a marcha era única e composta por oito passos normais, sem distinção entre os graus simbólicos.

A partir de meados do século XIX, com o aperfeiçoamento dos rituais, a marcha foi dividida conforme os graus simbólicos: três passos para o Aprendiz, cinco para o Companheiro e sete para o Mestre. Essa divisão permanece até hoje, compondo os oito passos originais quando somados.

A marcha maçônica no R.:E.:A.:A.: evoluiu de uma prática simples e uniforme para um ritual detalhado e simbólico, acompanhando a própria transformação da Maçonaria especulativa.

Essa diferenciação por graus foi uma inovação do R.:E.:A.:A.:, refletindo a evolução da Maçonaria especulativa, que passou a adotar simbolismos e etapas iniciáticas mais detalhadas, em contraste com a Maçonaria operativa, que não possuía graus definidos

Resumo Histórico:

Período	Característica da Marcha	Observação
Até início do séc. XVIII	Referências a três passos, sem detalhes	Manuscritos ingleses e franceses
Início do séc. XIX	Marcha única de oito passos	França, primeiros rituais do REAA
Meados do séc. XIX	Divisão da marcha por graus	Três (Aprendiz), cinco (Companheiro), sete (Mestre)

Vamos aprofundar na evolução histórica das referências à marcha maçônica nos rituais e onde ela aparece pela primeira vez nos documentos maçônicos.

1. Manuscritos Antigos: Ausência de Marcha

O "*manuscrito de Halliwell*", também conhecido como *Poema Regius*,²⁶ é o mais antigo documento maçônico conhecido, datado por volta de 1390, e trata principalmente de regras

²⁴ A MARCHA. Fonte: <https://www.freemason.pt/as-marchas-ou-passos-dos-tres-primeiros-graus-do-reaa/> Acesso em 07/05/2025

²⁵ REAA. Fonte: <https://www.freemason.pt/a-criacao-do-rito-escoces-antigo-e-aceite-reaa/> Acesso em 07/05/2025

²⁶ POEMA REGIUS. Fonte: <https://www.freemason.pt/poema-regius-ou-o-manuscrito-de-halliwell/> Acesso em 07/05/2025

morais, deveres dos maçons e aspectos do ofício na Idade Média. Ele detalha quinze artigos e quinze pontos relacionados à conduta, ética e organização dos maçons, além de abordar a origem lendária da maçonaria e instruções sobre assembleias e punições para quem violasse as regras.

Não há, no texto do manuscrito, **qualquer menção direta à "marcha maçônica" como prática ritualística**, nem à execução de passos ou movimentos cerimoniais semelhantes aos que são conhecidos nos rituais simbólicos modernos. O foco do documento está no comportamento, obrigações e ensinamentos morais dos maçons, sem descrever procedimentos de entrada em loja, marchas ou sinais ritualísticos.

Outro documento de referência, o *Manuscrito Cooke* (c. 1410)²⁷, também **não traz qualquer menção à marcha maçônica** ou a qualquer ritual de passos. Ele também se concentra em regras de conduta, lendas de origem e obrigações morais.

2. Primeiros Registros Ritualísticos

a) Ritual de 1724 – "*A Mason's Examination*"

Um dos primeiros documentos ritualísticos conhecidos é o "*A Mason's Examination*" (1724)²⁸, que descreve perguntas e respostas usadas para reconhecer maçons, mas **não menciona marchas** ou passos ritualísticos.

b) Manuscrito Graham (1726) ²⁹

Foca em lendas e instruções morais, **sem referência a marcha**.

c) "Prichard's Masonry Dissected" (1730) ³⁰

Este é um dos primeiros catecismos maçônicos impressos e descreve alguns sinais e posturas, mas **ainda não detalha uma marcha ritualística** como conhecemos hoje.

Há menção a "três grandes passos" do Apr.:., mas o contexto é alegórico, relacionado à lenda de Hiram Abiff, e não à marcha ritualística.

3. Consolidação da Marcha – Século XVIII

a) Ritual de 1760 – "Three Distinct Knocks" ³¹

Este ritual inglês já **descreve**, de forma mais clara, que o candidato deve dar **três passos em direção ao altar**, mas ainda **sem detalhamento** minucioso da marcha.

Os passos são simbólicos, representando a aproximação do candidato ao segredo maçônico.

b) Ritual de 1762 – "Jachin and Boaz"³²

Também menciona que o candidato dá **três passos**, mas **não detalha** a forma ou o simbolismo exato dos movimentos.

²⁷ COOKE, Manuscrito. Fonte: <https://www.freemason.pt/tag/manuscrito-de-cooke/> Acesso em 07/05/2025

²⁸ A MASON'S EXAMINATION. Fonte: <https://theoldcharges.com/chapter-31.html> Acesso em 07/05/2025

²⁹ MANUSCRITO GRAHAM Fonte: <https://www.thesquaremagazine.com/mag/article/202010graham-ms-1726/> Acesso em 07/05/2025

³⁰ PRICHARD'S MASONRY DISSECTED. Fonte: https://www.phoenixmasonry.org/masonry_dissected.htm Acesso em 07/05/2025

³¹ THREE DISTINCT KNOCKS. Fonte: http://www.themasonictrowel.com/Articles/Manuscripts/manuscripts/Three_Distinct_Knocks_Lecture_c1760.pdf Acesso em 07/05/2025

³² RITUAL DE 1762. Fonte: [https://freemasonry.bcy.ca/ritual/Jachin_and_Boaz_\(1762\).pdf](https://freemasonry.bcy.ca/ritual/Jachin_and_Boaz_(1762).pdf) Acesso em 07/05/2025

4. Desenvolvimento no Rito Escocês Antigo e Aceito (R.:E.:A.:A.:)

França, início do século XIX: Os **rituais franceses** do R.:E.:A.:A.: começam a **padronizar a marcha**, detalhando o número de passos para cada grau (três para Aprendiz, cinco para Companheiro, sete para Mestre).

A partir desse período, a marcha passa a ser um **elemento central da ritualística simbólica**, com significado esotérico e simbólico, representando a jornada do maçom rumo ao conhecimento.

Resumo cronológico:

Documento ou Ritual	Ano	Referência à Marcha Maçônica?	Observação
Manuscrito Halliwell	c. 1390	Não	Foco em regras morais e lendas
Manuscrito Cooke	c. 1410	Não	Sem ritualística de marcha
A Mason's Examination	1724	Não	Catecismo, sem menção a marcha
Masonry Dissected	1730	Menciona "três passos"	Contexto alegórico, não ritualístico
Three Distinct Knocks	1760	Sim, três passos	Primeira referência ritualística mais clara
Jachin and Boaz	1762	Sim, três passos	Sem detalhamento de forma
França, primeiros rituais do R.:E.:A.:A.:	Início do séc. XIX	Marcha única de oito passos	Sem detalhamento de forma
Rituais do R.:E.:A.:A.: (França)	1804-1830	Sim, marcha detalhada	Padronização por grau e simbolismo aprofundado

A marcha maçônica portanto, como conhecemos hoje, não aparece nos manuscritos fundadores da maçonaria (como o Halliwell ou Cooke). Sua introdução e detalhamento surgem gradualmente nos rituais ingleses do século XVIII e são consolidados e enriquecidos no R.:E.:A.:A.: francês do século XIX.

3.3. INÍCIO DA MARCHA COM O PÉ ESQUERDO

A introdução da **marcha maçônica** iniciando com o **pé esquerdo** está profundamente enraizada em **tradições muito anteriores** à Maçonaria moderna. O costume de começar a marcha com o pé esquerdo remonta ao Antigo Egito, onde o lado esquerdo era associado ao espiritual e ao sagrado. Pinturas e esculturas mostram deuses e faraós sempre com o pé esquerdo à frente, simbolizando o “primeiro passo” para uma nova vida ou uma jornada espiritual. Esse simbolismo foi herdado pelos gregos e, posteriormente, por instituições iniciáticas como a Maçonaria.

Na Maçonaria, especialmente no R.:E.:A.:A.:, a prática de **iniciar a marcha com o pé esquerdo** foi consolidada nos **rituais franceses** do início do século XIX. O primeiro ritual simbólico do R.:E.:A.:A.: foi estabelecido em 1804, na França, e já trazia essa tradição, que pode ter sido reforçada pela influência das “Lojas Militares”, onde o costume militar de “romper a marcha” com o pé esquerdo foi incorporado ao ritual maçônico.³³

O início da marcha com o pé esquerdo representa, simbolicamente, a predominância do espiritual (esquerdo) sobre o material (direito), e também está ligado ao lado do coração, considerado a sede da alma pelos egípcios. Assim, o maçom, ao iniciar sua marcha ritualística com o pé esquerdo, simboliza o início de uma nova caminhada espiritual, guiada pelo sentimento e pela busca da luz.

Originariamente, nas Lojas inglesas, os passos eram rompidos com o pé direito. Mas como essa forma de executar a marcha foi revelada por um Irmão indigno chamado *Samuel Prichard*, que publicou um livreto revelando alguns segredos da Maçonaria, a Grande Loja de Londres resolveu mudar, para impedir o ingresso de profanos nas reuniões maçônicas. Os Ritos Moderno e Adonhiramita, de origem francesa, preferiram continuar segundo a origem inglesa, mantendo o rompimento da marcha com o pé direito.

Vamos analisar como diferentes ritos maçônicos tratam a questão do início da marcha com o pé esquerdo ou direito, destacando as principais tradições e diferenças.

1. Rito Escocês Antigo e Aceito

O R.:E.:A.:A.: especialmente em sua consolidação francesa a partir de 1804, estabelece claramente que a marcha ritualística deve começar com o pé esquerdo.

2. Rito de York (Emulation, Ritual Inglês)

No Rito de York, especialmente no Ritual de Emulação (usado na Inglaterra e em muitos países de língua inglesa), a marcha também costuma começar com o pé esquerdo.

3. Rito Moderno ou Francês

Também conhecido como Rito Francês, o Rito Moderno surgiu formalmente em 1774, quando o Grande Oriente da França nomeou uma comissão para harmonizar diferentes doutrinas e sistematizar os graus. Este rito "preferiu continuar segundo a origem inglesa, mantendo o rompimento da marcha com o pé direito."³⁴

³³ INÍCIO DA MARCHA. Fonte: <http://fraternidadefarroupilha.org/artigos/marcha.htm> Acesso em 07/05/2025

³⁴ RITO MODERNO. . Fonte: <http://fraternidadefarroupilha.org/artigos/marcha.htm> Acesso em 07/05/2025

4. Rito Adonhiramita

O Rito Adonhiramita, formalizado na França durante o século XVIII, seguia a postura da Grande Loja de Londres e Westminster (conhecida como "Loja dos Modernos"). Entre suas características distintivas está "o rompimento da Marcha com o pé direito". Este rito é "filho da Maçonaria francesa", mas manteve essa característica inglesa em sua ritualística.³⁵

5. Ritos Americanos (York, Schröder, etc.)

Ritos americanos do York: Em algumas jurisdições, há registros de início com o pé direito, mas a maioria mantém o pé esquerdo, especialmente nas cerimônias mais antigas.

Rito de Schröder (Alemanha): Tradicionalmente, também começa com o pé esquerdo, embora haja variações locais.

6. Influência Militar

O costume de iniciar marchas com o pé esquerdo foi reforçado pelo uso militar, já que, nos exércitos europeus, a ordem de "romper a marcha" sempre se dava com o pé esquerdo, facilitando a cadência e a uniformidade dos movimentos.

Resumo comparativo:

Rito	Pé inicial da marcha	Observação principal
R.:E.:A.:A.:	Esquerdo	Simbolismo espiritual e tradição francesa
York/Emulation	Esquerdo	Influência militar e tradição inglesa
Moderno/Francês	Direito	Ênfase esotérica
Adonhiramita	Direito	Tradição francesa e simbolismo do coração
York (algumas jurisdições)	Direito/Esquerdo	Algumas variações, mas maioria usa o esquerdo
Schröder	Esquerdo	Variações locais, mas tradição geral

Importante realçar que a regra de avançar com qualquer um dos pés, na execução da Marcha é apenas um procedimento que torna a prática uniforme em qualquer situação.

³⁵ RITO ADONHIRAMITA. Fonte: <http://fraternidadefarroupilha.org/artigos/marcha.htm> Acesso em 07/05/2025

3.4. CORTEJO DA ENTRADA E ACESSO AO TEMPLO COM O PÉ ESQUERDO

Como já abordado nos tópicos anteriores, o ato de **iniciar a Marcha com o pé esquerdo** no R.:E.:A.:A.: tem sua origem documentada desde 1804, na França. Naquele contexto, o costume militar de iniciar a marcha com o pé esquerdo foi incorporado aos rituais maçônicos pelos primeiros doutrinadores do Rito.

Mais do que uma simples tradição ou interpretação filosófica, essa orientação já está plenamente consolidada em nossos rituais oficiais, tornando-se parte integrante da liturgia maçônica do R.:E.:A.:A.:. Portanto, não cabe contestação ou adaptação: **trata-se de uma prática estabelecida e respeitada em todo o universo maçônico** que segue esse Rito

Embora algumas correntes de cunho místico tentem associar o costume de iniciar a Marcha com o pé esquerdo a crenças ou convicções esotéricas, especialmente no contexto dos ritos de origem francesa, como o R.:E.:A.:A.: - fortemente influenciados pelos ideais da razão, essa prática deve ser entendida principalmente como uma norma ritualística. A orientação de iniciar a Marcha com o pé esquerdo deve ser compreendida como uma norma prática, destinada a padronizar a execução dos trabalhos e garantir uniformidade em todas as situações.

Toda essa discussão, assim como as diversas abordagens encontradas nos trabalhos de diferentes autores - sejam elas de natureza prática, simbólica ou filosófica -, convergem para um ponto comum: a “**Marcha**” e o “**rompimento da Marcha**” são **atos que ocorrem exclusivamente dentro do Templo** e em Loja devidamente aberta. Há consenso entre estudiosos e ritualistas de que esses movimentos têm significado e função no espaço sagrado do Templo, onde se desenvolvem os trabalhos ritualísticos.

Fora desse contexto, tais gestos **perdem seu sentido** ritualístico e simbólico, sendo, portanto, restritos à liturgia interna da Loja.

Ratifico, trata-se do ato de romper a Marcha (passo) como formalidade de ingresso após já se ter adentrado ao recinto.

Vamos aos procedimentos: como a **Loja já está trabalhando**, quem nela **ingressar pela primeira vez na sessão** (um visitante ou um retardatário), se devidamente autorizado **o faz vindo do Átrio andando normalmente**. Assim que ele **passar pela porta**, a uma distância dela compatível (no extremo do Ocidente), **fica à Ordem** de frente para o Oriente – corpo ereto, pés em esquadria e sinal composto. *Ao passar pela porta tanto faz o pé que ingressa por primeiro no recinto. Não existe nenhuma regra para isso. Qualquer menção nesse sentido é mera invenção.*

Prosseguindo: **tendo ingressado**, estando à Ordem, **inicia-se a Marcha do Aprendiz sempre com o pé esquerdo** por tratar-se do R.:E.:A.:A.:, até porque todos os três passos que compõe a Marcha são sempre feitos avançando primeiro o pé esquerdo e juntando a ele o direito pelos calcanhares. Nunca é demais lembrar que a Marcha de qualquer Grau Simbólico no R.:E.:A.:A.:, principia-se sempre pela de Aprendiz, por conseguinte, o início de contínuo se dará com o pé esquerdo.³⁶

Não há fundamento ritualístico para iniciar o caminhar do átrio ao templo ou a entrada no templo propriamente dita com o pé esquerdo, pois esses momentos ainda não configuram o espaço ou o Templo sagrado da Loja aberta.

³⁶ PEDRO JUK. Fonte: <https://pedro-juk.blogspot.com/search?q=pé+esquerdo> Acesso em 07/05/2025

A **marcha maçônica**, com seus passos, posturas e simbolismos, **é uma prática litúrgica estritamente reservada ao interior do templo** e somente após a **abertura formal dos trabalhos**. *O caminhar até a porta do templo ou o simples ato de adentrar o recinto não requerem, segundo os rituais, qualquer formalidade quanto ao pé inicial ou à postura ritualística.*

O **ingresso no templo**, vindo do átrio, é feito de **maneira comum**, sem preocupação com o pé **no cortejo de entrada** ou quando **cruza a soleira**. O ritual se inicia apenas quando o maçom, já dentro do templo e após a abertura dos trabalhos, é autorizado a realizar a marcha correspondente ao seu grau, sempre com o pé esquerdo no R.:E.:A.:A.:.

O **sentido esotérico e simbólico** da marcha só se manifesta quando o maçom está **sob a egrégora da Loja aberta**, em **ambiente consagrado** e sob as **regras do ritual**. *Fora desse contexto, o gesto perde o valor simbólico e não tem respaldo litúrgico.*

Realizar gestos ritualísticos fora do contexto da Loja pode gerar confusão, banalizar o simbolismo e criar práticas não autorizadas pelos rituais reconhecidos.

Vejamos o que nosso Ir Pedro Juk diz sobre este assunto:³⁷

“Essa história de se utilizar de um pé específico para ingressar no templo (sala da loja), ou mesmo ingressar no Oriente, não faz parte da liturgia do R.:E.:A.:A.:.

É uma incoerência que em uma Instituição que investiga a Verdade e prima pela razão, como a Maçonaria, ainda encontrarmos Irmãos que apregoam essas práticas fantasiosas.

No R.:E.:A.:A.:., genuinamente se ingressa normalmente no templo, não importando com qual pé se projeta o passo. Também não importa para esse procedimento a Loja estar aberta ou ainda fechada.

Imagine os Irmãos no préstito de entrada serem obrigados a entrar com o pé esquerdo, marchando feito um grupamento militar?

O templo maçônico é uma oficina simbólica de trabalho para aperfeiçoamento humano e não um palco de prosélitos sustentados por crenças individuais.

Não confundir com a Marcha do Grau que, por uma questão de uniformidade, é rompida em Loja aberta com o pé esquerdo, contudo isso nada tem a ver com ingressar no recinto do templo (passar pela porta).”

³⁷ DIREITO OU ESQUERDO? COM QUAL PÉ SE INGRESSA NO TEMPLO? Fonte: <https://pedro-juk.blogspot.com/2022/07/direito-ou-esquerdo-com-qual-pe-se.html> Acesso em 07/05/2025

4. CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, foi possível compreender que a **Marcha Maçônica**, especialmente no contexto do R.:E.:A.:A.:, **transcende a mera movimentação física** no interior do Templo. Ela **representa**, simbolicamente, a jornada iniciática do homem das **trevas em direção à Luz**, da **ignorância ao conhecimento**, da **matéria ao espírito**. Composta por passos específicos, realizados com cadência e reverência, sua execução correta constitui uma expressão física de valores espirituais — como a retidão, a força moral e a busca pelo aperfeiçoamento interior. Essa caminhada, sempre **iniciada com o pé esquerdo** neste rito, traduz a busca consciente pela elevação moral, intelectual e espiritual.

No entanto, ao analisarmos sob a **ótica da ciência moderna** (capítulo 3.1), que discute os aspectos neurocientíficos da lateralização cerebral, compreendemos que a **antiga associação** simbólica entre o movimento do **pé esquerdo** e o estímulo ao **hemisfério direito do cérebro** — tradicionalmente ligado à intuição, criatividade e espiritualidade — encontra hoje **limitações à luz da ciência moderna**. Pesquisas contemporâneas demonstram que o **cérebro** funciona como um **sistema altamente interconectado e dinâmico**, onde as funções são distribuídas de forma mais integrada do que se acreditava anteriormente. A ideia de que o lado esquerdo do corpo (portanto o **pé esquerdo**) **ativaria** diretamente funções espirituais ou intuitivas ligadas ao **hemisfério direito** é, hoje, reconhecida como uma **simplificação excessiva**.

Essa constatação, longe de invalidar o simbolismo da marcha, apenas reafirma a grandeza da Maçonaria como uma instituição racional, que não teme confrontar a tradição com a razão, e que busca incessantemente a Verdade — tanto nos antigos símbolos quanto nas descobertas contemporâneas. O simbolismo da **marcha com o pé esquerdo** permanece **válido no campo esotérico, moral e ritualístico**, mas deve ser compreendido como **representação filosófica e não** como correspondência **biológica literal**.

À luz dos **princípios litúrgicos** e das instruções ritualísticas analisadas, torna-se imprescindível distinguir o que pertence ao domínio do sagrado — que se inicia com a abertura dos trabalhos no interior do Templo — do que é apenas funcional, como o simples deslocamento físico pelo Átrio ou o ingresso pela porta do Templo. O "**romper da marcha**" não é um gesto ordinário, mas um **ato formal, simbólico e ritualístico** que só ganha **sentido pleno** sob a egrégora da **Loja aberta**.

As justificativas para **não se aplicar o rompimento do passo no Átrio ou ao adentrar ao Templo com o pé esquerdo**, foram aqui exaustivamente analisadas com base nos rituais e doutrina do R.:E.:A.:A.:. *O Átrio não é espaço sagrado; não há respaldo ritualístico para qualquer formalidade simbólica nesse ambiente.* A **Marcha**, como ato iniciático, somente tem sentido **dentro do Templo** e após a abertura dos trabalhos. **Fora disso**, qualquer tentativa de reproduzir seus gestos carece de sentido esotérico e **contraria a liturgia estabelecida**.

Concluimos com três justificativas:

Ausência de Instrução Ritualística: Não há qualquer menção nos rituais do R.:E.:A.:A.: que determine o uso de um pé específico para o deslocar no Átrio ou ingresso no Templo. A liturgia inicia-se apenas com a Marcha ritualística, dentro do espaço consagrado e após a devida abertura da Loja.

Natureza Profana do Átrio: O Átrio ou Sala dos Passos Perdidos é um espaço preparatório, ainda não consagrado pelos trabalhos ritualísticos. Assim, qualquer gesto simbólico ali executado carece de valor esotérico e litúrgico.

Risco de Banalização: A extrapolação do simbolismo ritualístico para além do seu contexto sagrado pode conduzir à confusão, à superstição e à criação de práticas apócrifas, que deturpam os ensinamentos genuínos da Arte Real.

10. BIBLIOGRAFIA

CASTELLANI, José, Consultório Maçônico XI, ISBN 978-85-7252-286-1, primeira edição, Editora Maçônica a Trolha Ltda., 176 páginas, Londrina, 2011

FEDERMEIER, K. D., & KUTAS, M. (2005). A Rose by Any Other Name: Long-Term Memory Structure and Sentence Processing. *Psychological Science*, 16(4), 320–325.

GAZZANIGA, M. S. (2018). *The Consciousness Instinct*. Farrar, Straus and Giroux.

IMMORDINO-YANG, M. H., & DAMASIO, A. (2007). We feel, therefore we learn. *Mind, Brain, and Education*.

MACKEY, A. G. *The Symbolism of Freemasonry*. New York: Masonic Publishing and Manufacturing Co., 1869.

MUNIZ, André. Curso Elementar de Maçonologia, Pag. 35. Editora: Richard Veiga, 2016
PIKE, A. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Charleston: Supreme Council, 1871.

Ritual do Aprendiz Maçom, R.: E.: A.: A.:. Grande Oriente do Estado de Mato Grosso, Edição 2022

SPERRY, R. W. (1968). Hemisphere deconnection and unity in conscious awareness. *American Psychologist*.

TOGA, A. W., & THOMPSON, P. M. (2003). Mapping brain asymmetry. *Nature Reviews Neuroscience*, 4(1), 37–48.

SITES:

<http://fraternidadefarroupilha.org/artigos/marcha.htm>

<http://fraternidadefarroupilha.org/artigos/marcha.htm>

http://www.themasonictrowel.com/Articles/Manuscripts/manuscripts/Three_Distinct_Knocks_Lecture_c1760.pdf

<https://en.wikipedia.org/wiki/Commissurotomy>

https://en.wikipedia.org/wiki/Roger_Wolcott_Sperry

[https://freemasonry.bcy.ca/ritual/Jachin_and_Boaz_\(1762\).pdf](https://freemasonry.bcy.ca/ritual/Jachin_and_Boaz_(1762).pdf)

<https://michaelis.uol.com.br/palavra/7mq9z/marcha/>

<https://pedro-juk.blogspot.com/2022/07/direito-ou-esquerdo-com-qual-pe-se.html>

<https://pedro-juk.blogspot.com/2023/02/marcha-do-aprendiz-no-reaa-e-posicao.html>

<https://pedro-juk.blogspot.com/search?q=pé+esquerdo>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Liturgia>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Michael_Gazzaniga

https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Nicolelis

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rito>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ritual>

<https://theoldcharges.com/chapter-31.html>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/ritualística/>

<https://www.freemason.pt/a-criacao-do-rito-escoces-antigo-e-aceite-reaa/>

<https://www.freemason.pt/a-marcha-do-aprendiz-macom/>

<https://www.freemason.pt/a-marcha-misteriosa-do-macom-e-seus-misterios/>

<https://www.freemason.pt/as-marchas-ou-passos-dos-tres-primeiros-graus-do-reaa/>

<https://www.freemason.pt/liturgia-rito-e-ritual/>

<https://www.freemason.pt/poema-regius-ou-o-manuscrito-de-halliwel/>

<https://www.freemason.pt/tag/manuscrito-de-cooke/>

https://www.phoenixmasonry.org/masonry_dissected.htm

<https://www.thesquaremagazine.com/mag/article/202010graham-ms-1726/>